



PROGRAMA DE REMOÇÃO DOS *Leontopithecus chrysomelas* (KUHL, 1820) INVASORES NA ÁREA DE DISTRIBUIÇÃO ORIGINAL DE LEONTOPITHECUS ROSALIA (LINNAEUS, 1766; PRIMATES – CALITHRICHIDAE): SITUAÇÃO ATUAL

Kierulff, M. C. M.;

Costa-Araújo, R., Luz, D. E., Bueno, M. G., Silva, E. D.

INTRODUÇÃO

Os micos-leões (*Leontopithecus* Lesson, 1840) são primatas de pequeno porte que se alimentam principalmente de frutos e invertebrados encontrados em bromélias, cascas e ocos de troncos[1]. Vivem em grupos familiares, tipicamente compostos por dois a quatro indivíduos adultos e sua prole, que defendem um território na floresta[2]. Atualmente cada uma das quatro espécies do gênero está localizada numa região do país, naturalmente isolada das demais[3]. *Leontopithecus chrysomelas* (mico-leão-da-cara-dourada; MLCD) ocorre na Mata Atlântica da região sudeste da Bahia e extremo nordeste de Minas Gerais[4], enquanto *Leontopithecus rosalia* (mico-leão-dourado; MLD) ocorre em poucos remanescentes em uma área restrita do Rio de Janeiro[5]. Ambas espécies estão em perigo de extinção[6,7], devido principalmente à destruição e alteração de seu habitat natural[3]. Em 2002 foram detectados *L. chrysomelas* localizados dentro da área de distribuição original de *L. rosalia*, em Niterói (RJ), a 50 km de uma população de micos-leões-dourados. O primeiro levantamento realizado em 2009 estimou 106 indivíduos e, atualmente, estima-se uma população de mais de 200 MLCD exóticos. Devido às condições favoráveis encontradas no local e seu sucesso reprodutivo, estes micos se tornaram invasores podendo alcançar as populações de MLD nativos em pouco tempo. Este encontro pode ter consequências imprevisíveis, pois (a) as duas espécies podem reproduzir originando híbridos[8]; (b) os MLCD e MLD provavelmente irão competir direta e indiretamente por recursos devido à sua similaridade de hábitos e dieta; e (c) oriundos de outra região e por estarem em uma floresta urbana, os MLCD podem ser reservatórios de patógenos para outros primatas humanos e não-humanos.

OBJETIVOS

Capturar os micos-leões-de-cara-dourada (*L. chrysomelas*) invasores na área de ocorrência do mico-leão-dourado (*L. rosalia*), translocar para uma floresta em sua área de distribuição natural e monitorar seu estabelecimento.

MATERIAL E MÉTODOS

1. Censo e captura: a detecção dos grupos é feita através de busca ativa com auxílio de informações coletadas em entrevistas a moradores locais, na região oceânica do Rio de Janeiro (São Gonçalo, Maricá e Niterói). A captura segue o protocolo utilizado para as espécies do gênero[9,10]. Os grupos são capturados e transportados juntos, para manter a família coesa. Os MLCD ocupam florestas imersas em uma matriz urbana, favorecendo o contato com a população humana que reside no entorno - é comum encontra-los em quintais, sendo alimentados pelos moradores. Portanto, duas educadoras desenvolvem ações de educação ambiental na região, de forma a conscientizar a população sobre o problema causado por espécies exóticas invasoras. 2. Quarentena: os grupos capturados são levados ao Centro de Primatologia do Rio de Janeiro (CPRJ), onde se coletam dados biométricos e material

biológico para realização de exames e avaliação sanitária[11]. Durante a quarentena cada grupo de MLCD é mantido num recinto isolado física e visualmente dos outros para favorecer a manutenção da estrutura social. Os indivíduos aptos para translocação recebem marcações corporais[10]. 3. Translocação: os grupos são transportados, cada um, em caixas especialmente projetadas e são levados de carro para o Rio de Janeiro (RJ). No aeroporto, embarcam para Porto Seguro (Bahia) e são então transportados de carro até a base da Pri-Matas em Belmonte (BA). Três a cinco grupos são translocados de cada vez. 4. Soltura e Monitoramento: em Belmonte, um ou dois indivíduos de cada grupo recebe rádio-colar para monitoramento através de rádio-telemetria e na manhã seguinte são soltos. Cada grupo de MLCD translocado é solto em um local previamente preparado na mata, onde são construídas duas plataformas, uma para apoiar a caixa do grupo e outra para disponibilizar alimento, além de um abrigo para o pesquisador observar a saída dos micos. Cada grupo é suprido com uma penca de bananas, apenas no momento da soltura, para garantir a sobrevivência nos primeiros dias. Novos grupos são soltos a, pelo menos, 500m do limite da área de vida e do local de soltura de outros grupos, para evitar encontros. O fragmento onde os micos estão sendo soltos tem aproximadamente 3 mil ha e não havia grupos residentes antes do início do programa – fator fundamental para o sucesso de estabelecimento da espécie. Os grupos são monitorados periodicamente, coletando-se dados ecológicos e comportamentais seguindo o padrão para estudos com micos-leões[9,12,13].

RESULTADOS

Desde o início do programa de remoção, em março de 2012, foram identificados 45 grupos de MLCD (em torno de 200 indivíduos) na região oceânica do Rio de Janeiro. A busca ativa por grupos é constante desde então e, até o momento, 131 indivíduos (3 solitários e 22 grupos) foram capturados – mais da metade da população estimada. Os grupos restantes são monitorados e/ou cevados para captura, que ocorrerá até o final do ano. Nem todos os indivíduos capturados puderam ser translocados: 26 indivíduos apresentaram patógenos potenciais para primatas e oito vieram a óbito em cativeiro. Desde julho 2012 foram translocados 106 indivíduos em 20 grupos, monitorados por períodos de tempo variáveis. Os MLCD permitem a aproximação do pesquisador após a soltura, sem a necessidade de habituá-los. Com isso, tem sido possível observar que os (1) MLCD translocados apresentam comportamento natural de forrageio, se alimentando de invertebrados e vertebrados além de frutos de espécies nativas; (2) a maioria dos grupos procura locais de dormida esperados para micos selvagens; (3) em geral, a coesão do grupo se mantém após a soltura e, mais comumente, apenas um ou dois indivíduos migram; (4) os grupos estabelecem um território e reproduzem – foi registrado o nascimento de seis filhotes em dois grupos translocados. Apenas cinco indivíduos vieram a óbito na natureza.

DISCUSSÃO

Os MLCD translocados apresentam comportamento natural de forrageio, se alimentando de invertebrados e vertebrados além de frutos de espécies nativas e usam locais de dormida esperados para micos selvagens. Em geral a coesão do grupo se mantém após a soltura e, mais comumente, apenas um ou dois indivíduos migram. Os grupos estabeleceram um território e reproduziram – foi registrado o nascimento de seis filhotes em dois grupos translocados. Apenas cinco indivíduos vieram a óbito na natureza.

CONCLUSÃO

Considerando o andamento das capturas no Rio de Janeiro, o programa de remoção vem obtendo êxito atingindo seus objetivos. Além disso, o estabelecimento dos grupos e o registro de eventos reprodutivos após a translocação mostra o sucesso do programa na formação de uma nova população de MLCD em seu hábitat original.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

[1]Kleiman *et al.* 1988. In: Mittermeier *et al.* Ecology and behavior of Neotropical Primates. v.2: 299-347.

- [2]Kierulff *et al.* 2008. In: Micos Leões, Biologia e Conservação: 216-250.
- [3]Rylands *et al.* 2008. In: Micos Leões, Biologia e Conservação: 23-68.
- [4]Pinto e Rylands 1997. *Folia Primatologica* 68:161-180.
- [5] Kierulff e Rylands 2003. *American Journal of Primatology* 59:29-44.
- [6]IUCN 2012. Red List of Threatened Species.
- [7]MMA 2003. Lista da fauna brasileira ameaçada de extinção.
- [8]Coimbra-Filho e Mittermeier 1976. *Revista Brasileira de Biologia* 36: 129-137.
- [9]Dietz *et al.* 1994. *Neotropical Primates* 2(suppl.):21-23.
- [10]Dietz *et al.*1997. *American Journal of Primatology* 41: 289-305.
- [11]Passos 1994. *Neotropical Primates* 2(suppl.): 40-41.
- [12]Kierulff 2000. Tese de doutorado. Universidade de Cambridge, UK.